



“São duas meninas?”: Reflexões sobre o silenciamento da vivência lésbica

Mariana de Castro Moreira¹

Mariana Souza de Pão²

RESUMO

O presente trabalho possui como objetivo abordar como o silenciamento e apagamento da existência de mulheres lésbicas corroboram para a manutenção de um modelo patriarcal e heterossexual, promovendo diferentes modos de violência e discriminação. Através da escrita implicada e em primeira pessoa, trazemos como proposta o conjunto de referenciais bibliográficos e relatos pessoais como forma de resistência e reflexão. Ainda, é apresentado o projeto de pesquisa em desenvolvimento acerca do não-registro da existência lésbica como forma de silenciamento e apagamento dessas mulheres e como isto se reflete na ausência de políticas públicas que lhes garantam seus direitos. Portanto, este trabalho objetiva firmar o compromisso social da Psicologia para com as mulheres lésbicas e, também, com a produção científica acerca de suas vivências como forma de (re)existir.

Palavras-chave: Lesbianidades, Mulheres lésbicas, Psicologia, Psicologia Social, Políticas Públicas.

¹ Professora adjunta no Curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense - UFF/Rio das Ostras. Áreas de interesse: Psicologia, Educação e processos de construção de conhecimentos. Movimentos Sociais, Organizações da Sociedade Civil e Políticas Públicas. Possui doutorado (2014) e mestrado (2000) em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/IP/EICOS). E-mail: marianacastromoreira@id.uff.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1989-8936>

² Graduanda do curso de Psicologia na Universidade Federal Fluminense (UFF) no Campus Universitário de Rio das Ostras.

ABSTRACT: The present work aims to address how the silencing and erasing of the existence of lesbian women corroborates the maintenance of a patriarchal and heterosexual model, promoting different modes of violence and discrimination. Through implicated writing and in first person, we bring as a proposal the set of bibliographic references and reports as a form of resistance and reflection. Furthermore, the research project in development about the non-registration of lesbian existence as a form of silencing and erasing these women is performed and how this is reflected in the absence of public policies that guarantee their rights. Therefore, this work aims to establish the social commitment of Psychology to lesbian women and also to the scientific production about their experiences as a way to (re)exist.

Keywords: Lesbianities, Lesbian women, Psychology, Social Psychology, Public Policies.

RESUMEN: El presente trabajo tiene como objetivo abordar cómo el silenciamiento y deleción pago de la existencia de mujeres lesbianas corroboran el mantenimiento de un modelo patriarcal y heterosexual, promoviendo diferentes modos de violencia y discriminación. A través de la escritura implicada y en primera persona, nosostros traemos como propuesta el conjunto de referencias bibliográficas e informes como forma de resistencia y reflexión. Además, se realiza el proyecto de investigación en desarrollo sobre el no registro de la existencia lésbica como forma de silenciamiento y deleción de mujeres y cómo esto se refleja en la ausencia de políticas públicas que garanticen sus derechos. Por lo tanto, este trabajo tiene como objetivo establecer el compromiso social de la Psicología con las mujeres lesbianas y también con la producción científica sobre sus experiencias como una forma de (re)existir.

Palabras-clave: Lesbianías, Mujeres lesbianas, Psicología, Psicología Social, Política Pública.

Introdução

Começo este trabalho sinalizando a escolha por nos fazer presente através da escrita implicada. Em oposição à proposta de neutralidade científica, admitimos que não seria possível falar de um assunto tão sensível e que atravessa diretamente a existência de uma das autoras com imparcialidade - e é possível escrever imparcialmente? Ainda, essa escrita se apresenta como um desafio que nos convida a refletir, lembrar e dizer sobre experiências que por tanto tempo foram silenciadas e invisibilizadas na trajetória. Falar também é um ato político e, por isso, aqui nos apresentamos em primeira pessoa.

Essa escrita foi escolhida como forma de nos posicionarmos e de nos fazer presente aqui neste dossiê, não nos escondendo atrás do discurso em terceira pessoa e científico

com uma suposta “neutralidade”. Propomo-nos neste trabalho, a trazer reflexões a partir de produções acadêmicas e relatos pessoais de uma das autoras acerca do silenciamento lésbico e, portanto, quando dissertarmos sobre essas experiências, utilizaremos a primeira pessoa do singular.

Como afirma Moreira (2021, p. 98):

Contar a nossa história ou as nossas históricas - múltiplas, diversas e plurais - tem se colocado não somente como modos de resistência e de reexistência, mas sobretudo como modo de subjetivação, de tornar-se sujeito - e não objeto - da própria história.

E, buscando seguir os passos de Grada Kilomba, reafirmamos que:

Essa passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como um ato político. Além disso, escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e “legitimada/o” e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erradamente ou sequer fora nomeada (KILOMBA, 2019, p. 28).

Sendo assim, vemos na escrita implicada a oportunidade de nos fazer sujeito neste trabalho, compartilhando a riqueza da combinação de relatos pessoais com o aparato teórico acerca das lesbianidades. Portanto, temos por objetivo desenvolver reflexões acerca das diversas formas e faces do silenciamento lésbico acompanhado de relatos que caracterizam este cenário do apagamento de existências de mulheres lésbicas.

Cabe ressaltar também que, neste trabalho, será utilizado o termo “lesbianidades” em seu plural como propõe Toledo e Filho, sendo uma forma de: “nomear processos de subjetivação relativos à orientação sexual e identidades política, sexual e de gênero de mulheres com relações/práticas homoeróticas que se auto atribuem [sic] o nome lésbica” (2020 apud GONÇALVES, DE CARVALHO, 2019, p. 141). Assim, trazendo sua dimensão plural, uma vez que há um leque de possibilidades de ser e existir como mulher lésbica.

Sendo assim, este trabalho tem por objetivo abarcar, através do levantamento de materiais bibliográficos e relatos pessoais, a temática do silenciamento da mulher lésbica na sociedade e os diversos modos de apagamento de sua vivência através da invisibilização. Para tal, inicialmente, discutiremos o conceito de “política do esquecimento” trabalhado pela autora Navarro-Swain (2004) e como este se materializa na sociedade através do não-registro da existência lésbica na História, além de trazer

contribuições de relatos pessoais acerca de como estes modos de silenciamento impactaram diretamente a trajetória de uma das autoras como mulher lésbica.

Em seguida, será exposto acerca do apagamento que ocorre no meio acadêmico de Psicologia, através da falta de produção científica que aborde a existência lésbica e seus modos de subjetivação. Dessa forma, apresentaremos a revisão de literatura feita por Gonçalves e De Carvalho (2019), promovendo uma discussão sobre a ausência de produção científica sobre as especificidades da existência lésbica e o papel social da Psicologia na patologização da população LGBT e, também, no seu processo de despatologização.

Por fim, será exposta a experiência pessoal de uma das autoras deste trabalho sobre a sua jornada até o momento atual no curso de Psicologia na Universidade Federal Fluminense do Campus de Rio das Ostras e como a falta de espaço de fala como mulher lésbica e dos estudos sobre essa população se mostrou como um obstáculo na sua produção subjetiva. Felizmente, houve o encontro desse espaço de fala ao desenvolver um projeto de pesquisa acerca do silenciamento e apagamento lésbico nos cursos de formação superior em Psicologia e, portanto, será exposto mais detalhes sobre esta pesquisa, tais como seu foco, objetivos, metodologias, entre outros.

Esta pesquisa é supervisionada pela coautora deste trabalho e se encontra em desenvolvimento dentro do Laboratório de Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense no Campus de Rio das Ostras. Portanto, este projeto tem um papel de reafirmar o compromisso social da Psicologia para com a comunidade lésbica e, também, representa um espaço de fala, de possibilidades, de convite às mulheres lésbicas narrarem e refletirem sobre sua existência como forma de (re)existir.

SILENCIAMENTO DE SER

“Você pode ser o que quiser, mas não quero saber sobre isso” (Mariana de Souza Pão).

A autora Navarro-Swain (2004) trabalha com o conceito de “política de esquecimento”, o qual se refere à ação de se apagar ou destruir da história tudo o que não corresponde à moral, os costumes, à tradição e os valores predominantes na sociedade em determinado tempo. Isto nos possibilita refletir acerca do campo da sexualidade. Tendo o

discurso heterossexual como padrão à classe dominante, acaba por silenciar e apagar outras formas de se relacionar, de existir e de vivenciar a sexualidade (CARVALHO; CALDERARO; SOUZA, 2013).

É partindo desse padrão de discurso heterossexual que, quando o sujeito se depara com outras formas de existir, ele se espanta. O que provoca a lembrança de um acontecimento pessoal, no qual estava conversando com minha namorada da época em uma praça pública e, ao passar um grupo de pessoas por nós, uma das pessoas indagou em tom de espanto e reprovação: “São duas meninas?”. Esses comentários, olhares, expressões de rejeição, nojo e reprovação e tantas outras formas de micro violências cotidianas corroboram para a manutenção do patriarcalismo e do discurso da classe dominante, invisibilizando e agredindo as formas de existir que transbordam essa norma.

Como discorre Navarro-Swain (2000 apud CARVALHO; CALDERARO; SOUZA, 2013), essa política promoveu o silêncio histórico da experiência feminina da homossexualidade, uma vez que o modelo patriarcal foi responsável por tornar visível a vivência da masculinidade, enaltecendo-a e, em contraposição, renegava o papel das mulheres no registro da história. Consequentemente, houve o apagamento das relações que dispensavam a presença do homem, colocando as mulheres lésbicas em um lugar de não-existência e de não-possibilidade dentro do padrão heterossexual.

É importante ressaltar também o papel da materialidade dos registros para a construção da historicidade. Há uma linha tênue que separa o que é dito e o que existe. Quando uma experiência é narrada, escrita e registrada ela se transforma em existência, mas, caso esse registro não seja efetivado, a existência não ganha forma e ocupa o lugar do não existir (NAVARRO-SWAIN, 2000 apud CARVALHO; CALDERARO; SOUZA, 2013). Portanto, a falta de registro sobre a vivência de mulheres lésbica, sobre seus discursos e sobre seu papel na história favorece o apagamento de sua existência e o enfraquecimento da sua visibilidade na sociedade. Esta falta de registro é, como afirma Navarro-Swain (2004), uma política, que visa a ascensão do modelo patriarcal e a proteção aos valores da classe dominante em detrimento da legitimação da existência dos sujeitos que não obedecem à norma.

Uma das inquietações que afloraram em nós ao estudar sobre o tema do silenciamento lésbico foi identificar facilmente como essa política se aplica até os dias atuais de forma muito forte. Começamos a nos questionar: quantas histórias de mulheres

lésbicas na história conhecemos e é visibilizada? Nos filmes? Nas músicas? Nas fotos, livros, revistas, academia, mercado de trabalho, ruas, propagandas, redes sociais? Tantos espaços, meios de comunicação e de informação e tão pouco se fala sobre o existir da mulher lésbica, das suas experiências, vivências, dos seus modos de subjetivação, dores, demandas, angústias, discursos e narrativas.

Como afirma Audre Lorde (2019), o silêncio é a expressão do próprio medo do desprezo, censura, de ser julgada, reconhecida ou aniquilada. A autora indaga: “Quais são as palavras que você ainda não tem? O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole dia após dia e tenta tomar para si, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio?” (LORDE, 2019, p. 50-51).

O subtítulo deste tópico corresponde a uma das tantas falas que ouvi quando me assumi como mulher lésbica. E, por muito tempo, senti a dor de não poder falar, não ser ouvida, não poder existir e de ter a sensação de silenciamento de uma parte da minha vivência. Essa é uma das micro violências silenciosas do cotidiano que machucam, desgastam, ferem e que, para muitos, passam despercebidas. Uma das situações que vivenciei foi um constrangimento em público quando eu e minha namorada da época conversávamos e ríamos enquanto esperávamos o tempo passar para nos despedir. Uma das falas gritadas pela mulher que nos atacou foi: “Aqui não é lugar para isso. Vai para uma boate GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes)”. E, mais uma vez, me senti silenciada, sem lugar para existir e agredida. Não poder falar sobre a situação com quem eu mais esperava apoio doeu, sendo mais um sofrimento.

Ainda, Navarro-Swain (2004) explora o tema da heterossexualidade compulsória, fenômeno considerado recente na história humana, a qual determina papéis sociais para o que é ser feminino ou masculino, compondo a norma social. Dessa forma, “a heterossexualidade compulsória e a naturalização dos papéis fazem de uma relação assimétrica e hierárquica o espelho do natural, do certo, do bom” (NAVARRO-SWAIN, 2004). Esse fenômeno corrobora para a vinculação da palavra “lésbica” a significações negativas, como, por exemplo, mulher-macho, mal-amada e desprezada. Por muitas vezes, percebemos que a palavra “lésbica” é tratada como se fosse um palavrão, uma palavra que não pode ser dita. Sendo assim, a imagem da mulher lésbica se encontra ligada à uma aproximação do masculino ou da mulher frustrada. Este discurso corrobora com a ideia de que a mulher lésbica só existe quando foge do ideal de padronização de beleza feminina

ou quando não atrai homens. Esta naturalização acaba por eliminar a possibilidade de debate e questionamento sobre a norma, o padrão e os valores referentes, por exemplo, à sexualidade, criando exclusão, medo, vergonha e culpa (NAVARRO-SWAIN, 2004).

Ao nos debruçarmos sobre esses textos, lembramo-nos de um caso recente de lesbofobia sofrido pela vereadora da cidade de Niterói no Rio de Janeiro. A Verônica Lima do PT (Partido Trabalhista) denunciou atitudes machistas e lesbofóbicas do vereador Paulo Eduardo Gomes do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade). Essas atitudes ocorreram, segundo a revista Rede Brasil Atual (2021) durante uma reunião na Câmara, o qual o agressor dispara contra a vereadora “Quer ser homem? Então vou te tratar como homem”. Caracterizando o que Navarro-Swain (2004) aponta, a palavra “lésbica” foi ligada a significações negativas, como se o ser lésbica se aproximasse a um desejo de ser masculino, uma vez que seguem o modelo patriarcal e heterossexual que, neste, só é aprovado a relação entre homem e mulher cisgêneros.

Dessa forma, há a existência de um mal-estar sobre a lesbianidade, seja no seu apagamento ou na sua negação enquanto prática corrente ou na sua desqualificação sobre o ser mulher. Assim, o apagamento dos traços e da memória da lesbianidade e a política de esquecimento deflagram a prática disciplinar que firma a heteronormatividade, estabelecendo a heterossexualidade como padrão de ser, existir e se relacionar afetivo-sexualmente (NAVARRO-SWAIN, 2004). Assim:

Elimina-se ou se apaga o que atrapalha a ordem instituída dos valores morais, das “verdades” religiosa, socialista, positivista ou “natural” dos discursos biocientíficos. Na política do esquecimento reside a destruição ou o silêncio sobre a multiplicidade das relações humanas, sejam elas sociais ou sexuais (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 37).

SILENCIAMENTO ACADÊMICO

“Ao tornar a história de uma minoria desconhecida dificulta-se que outras pessoas se reconheçam como parte deste grupo e, conseqüentemente, desenvolvam uma nova memória coletiva” (GONÇALVES, DE CARVALHO, 2019, p. 138).

Ao adentrar no curso de Psicologia de uma Universidade Federal, me vi repleta de esperanças e experienciei uma sensação de alívio, pois acreditava que seria um espaço

seguro para expressar minha lesbianidade, discursar sobre ela e construir conhecimentos. Mas, em pouco tempo, a realidade se mostrou diferente: não existia disciplinas que refletiam sobre a vivência lésbica e seus modos de subjetivação, não havia espaço para discursar, debater e construir conhecimentos sobre a historicidade lésbica coletivamente e, infelizmente, me vi sem espaço de fala mais uma vez. Assim, eu me encontrava em um curso de Psicologia que, teoricamente, deveria disponibilizar espaços para diversos modos de subjetividade, porém, para a minha enquanto mulher lésbica, não havia lugar e oportunidades. Me debruçando de forma autônoma sobre bibliografias e estudos acerca da lesbianidade e a história da Psicologia, vi a importância de quebrar esses muros e construir um diálogo e reflexão sobre esse tema tão negligenciado na academia.

Ao estudarmos sobre a relação da Psicologia para com o movimento LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Queers, Intersexuais, Assexuais e mais), nos deparamos com bibliografias que debatiam essa temática, como a de Gonçalves e De Carvalho (2019), as quais fizeram um aparato histórico da despatologização da população LGBT e o papel da Psicologia nesse processo patologizante e despatologizante.

Dessa forma, através da revisão de literatura feita pelas autoras, levantou-se que os estudos teóricos trazem que, uma vez que a Psicologia está inserida no contexto sócio-histórico, a prática profissional também é influenciada por teorias e crenças da sua época (SCLIAR, 2007 apud GONÇALVES, DE CARVALHO, 2019). Assim, não só as teorias formuladas pela Psicologia serão perpassadas pelos discursos que são aceitos, como o psicólogo se guiará por elas também. Isto demarca a mutabilidade e fluidez do saber científico da Psicologia, não sendo natural nem absoluto. Diante disso, a história da Psicologia para com a homossexualidade também foi atravessada por seus contextos sócio-históricos. Como afirma Navarro-Swain (2004, p. 13): “Quem diz História diz construção”.

Inicialmente, a Psicologia condenou a homossexualidade, promovendo “tratamentos” que objetivavam uma “cura” da orientação sexual, acreditando que a vivência heterossexual era a única forma saudável de ser. Isto demarca a influência do discurso punitivista da sociedade vigente na época. Posteriormente, após muita luta organizada da população LGBT reivindicando sua visibilidade e a garantia de seus direitos, esses sujeitos passam a ocupar a produção científica também. Conforme a sociedade foi começando a aceitar mais a população LGBT, a ciência teve o mesmo movimento, se

desligando das práticas punitivistas e curativas, a fim de compreender esses sujeitos (GONÇALVES, DE CARVALHO, 2019). Foi um longo e demorado processo para a despatologização da homossexualidade, marcado por muitas lutas:

A American Psychiatric Association (APA), referência mundial em Psiquiatria, só remove a homossexualidade da lista oficial de transtornos mentais em 1973; já a Organização Mundial da Saúde (OMS) só se dispõe a fazer o mesmo em 1992. No Brasil, é somente em 1985 que o Conselho Federal de Medicina deixa de ver a homossexualidade como patologia mental. Já no campo da Psicologia a demora é ainda mais longa: apenas em 1999 o Conselho Federal de Psicologia (CFP) se pronuncia oficialmente sobre a homossexualidade, estabelecendo normas de atuação para os psicólogos no que diz respeito à orientação sexual (HEREK, 2000 apud GONÇALVES, DE CARVALHO, 2019, p. 144).

Um dos exemplos dos desdobramentos da despatologização é a substituição do sufixo *-ismo* (homossexualismo), que denota uma patologia, para *-idade* (homossexualidade), que, segundo Araújo (2012 apud GONÇALVES, DE CARVALHO, 2019) indica a neutralidade do sujeito. Porém, é possível perceber que, mesmo após esse processo de despatologização, a academia ainda perpetua saberes hegemônicos ao, por exemplo, não tratar sobre as demandas específicas da lesbianidade, enfraquecendo o movimento de visibilidade, garantia de direitos e combate à lesbofobia.

Como afirma Gonçalves e De Carvalho (2019), apesar de toda a história da luta pela visibilidade do movimento LGBT, este reconhecimento não se estabelece de forma inclusiva, uma vez que o movimento é tratado de forma generalista. Isto causa uma negligência das questões e demandas específicas que perpassam essas identidades. Por exemplo, se torna incoerente tratar a experiência de uma mulher lésbica de forma igual a um homem gay e isto se equivale a todas as identidades de gênero e sexualidades que o movimento LGBT engloba. A existência dessas pessoas é composta por diferentes variáveis que estão para além da exclusão social e de ser considerado um grupo minoritário que transpassam esses sujeitos (GONÇALVES, DE CARVALHO, 2019).

Dessa forma, é comum que estudos que abarcam a homossexualidade se direcionem para questões referentes aos homens gays, marginalizando as questões específicas a mulher lésbica ou apagando-as (GONÇALVES, DE CARVALHO, 2019). Acerca desse fenômeno, Ferreira (2015 apud GONÇALVES, DE CARVALHO, 2019, p. 136) aponta que:

Grande parte dos movimentos que lutam por cidadania e direitos de

pessoas com orientações sexuais e/ou identidade de gênero diferentes da norma reduz estas vivências a uma “categoria generalista LGBT, que normalmente leva à invisibilidade das lésbicas”.

Diante disso, é possível perceber que há um favorecimento e uma priorização do estudo da experiência de homens em detrimento da de mulheres e, paralelamente, que a invisibilização da mulher lésbica decorre dessa priorização do masculino e da negligência do feminino (GONÇALVES, DE CARVALHO, 2019). Como afirma Rich (1980 apud GONÇALVES, DE CARVALHO, 2019, p. 140): “equacionar a existência lésbica com a homossexualidade masculina, por serem as duas estigmatizadas, é o mesmo que apagar a realidade feminina mais uma vez”. Desse modo, nota-se que há uma sobreposição de modos de discriminação à invisibilidade lésbica, como o racismo e o machismo, por exemplo (BARBOSA et. al., 2014 apud GONÇALVES, DE CARVALHO, 2019).

Navarro-Swain (2004, p. 14) ao discorrer sobre a “neutralidade” da ciência, afirma que:

“As ciências humanas, físicas ou biológicas, como qualquer atividade humana, sofrem, em sua apreensão da realidade, o filtro das representações sociais, das imagens tradicionais, dos papéis e lugares designados às pessoas e às coisas, da importância atribuída a certos atos ou a alguns fatos. Percebe-se hoje que o discurso científico está tão impregnado de valores e preconceitos quanto o senso comum mais linear.”

Assim, como afirma GONÇALVES, DE CARVALHO (2019, p. 137): “falar sobre lesbianidade significa ter que encarar todo o falho e opressor sistema em que se vive”. E isso não se diferencia na academia e no campo científico, onde há uma falta de interesse na produção acerca da vivência lésbica, gerando um desconhecimento sobre essa experiência (GONÇALVES, DE CARVALHO, 2019).

Segundo a revisão de literatura feita por Gonçalves e de Carvalho (2019), foi percebido um pequeno avanço na literatura sobre as lesbianidades, pois, apesar de serem poucas produções científicas, estas não reforçaram estereótipos e nem apresentaram vieses, o que costumava ser bastante presente anteriormente, principalmente na Psicologia. Porém, também foi notado que poucas produções se voltam à compreensão da existência lésbica como sujeito biopsicossocial, tais como sua subjetividade, experiência e a saúde mental. Sendo assim, foi concluído a necessidade de avanços nas produções acadêmicas na área de Psicologia, uma vez que esta tem como papel a produção de saberes a fim de modificar a realidade social acerca da vivência lésbica em uma sociedade no

modelo patriarcal, machista e lesbofóbica (GONÇALVES, DE CARVALHO, 2019).

SILENCIARAM-ME, MAS SE FOR PRECISO, HEI DE GRITAR

“A partir de um olhar crítico sobre o silêncio, podemos dar um sentido histórico para o não-lugar de determinadas experiências e, com este ato, criar um desvio, romper o silêncio e, talvez, encarnar uma existência” (CARVALHO, CALDERARO, SOUZA, 2013, p. 115).

Foi apenas quando cursava o sexto período do curso de Psicologia que vi a abertura para concretizar meus estudos, construir saberes e contribuir para a visibilidade da mulher lésbica na academia. Em todos os períodos anteriores, não identifiquei um professor, disciplina, projeto ou qualquer outro modo de ação que possibilitasse a discussão efetiva que eu tanto almejava acerca das lesbianidades.

Este cenário se modificou durante a aula de Políticas de Público e de Gestão, no ano de 2021, quando percebi a oportunidade que precisava para desenvolver meus estudos e propor um projeto de pesquisa para ser desenvolvido e supervisionado dentro do Laboratório de Políticas Públicas da Universidade de Rio das Ostras. E, felizmente, a professora e coordenadora do Laboratório e, também, coautora deste trabalho, aceitou embarcar na minha proposta e construímos juntas o projeto de pesquisa.

Este projeto de pesquisa representa para mim a oportunidade de falar, narrar e refletir sobre a vivência lésbica. Finalmente, sinto que encontrei meu espaço de fala e vejo a escrita e a pesquisa como forma de (re)existência, produzindo registros como forma de construção da historicidade lésbica, na tentativa de diminuir o nosso silenciamento e apagamento. Me encontrei nas palavras de Audre Lorde (2019, p. 49) quando afirma: “Passei a acreditar, com uma convicção cada vez maior, que o que me é mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que eu corra o risco de ser magoada ou incompreendida”.

Segundo Audre Lorde (2019, p. 52), “na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo”. Dessa maneira, a autora afirma a importância e necessidade de lermos autoras mulheres, de procurarmos por suas

palavras, compartilhá-las e fazer uma análise das suas falas sob nossas vidas enquanto mulheres. Como as mulheres clamam para serem ouvidas, também é de nossa responsabilidade, enquanto mulheres, ouvi-las (LORDE, 2019).

Portanto, faremos a apresentação deste projeto de pesquisa, que se encontra em fase inicial de desenvolvimento, como forma de incentivo para a produção científica acerca das lesbianidades e firmando o papel social da Psicologia para com essa população.

O projeto está sendo desenvolvido dentro do Laboratório de Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense do Campus de Rio das Ostras, o qual objetiva firmar o compromisso da Psicologia com a garantia de direitos da população civil e promover a transformação social por meio das políticas públicas. O Laboratório foi pensado de modo a contribuir com a implementação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Psicologia na Universidade Federal Fluminense, em Rio das Ostras, e notadamente com o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes essenciais à formação básica do discente em Psicologia, a partir do fomento da produção de conhecimentos e de práticas nos diferentes campos das políticas públicas.

Historicamente, a Psicologia constituiu-se priorizando um modelo de atuação clínico individualizante e privatista. No entanto, muitas das principais demandas e realidades vividas, em nosso país, ficaram invisibilizadas em nossos enquadramentos e processos de construção de conhecimentos e práticas. Assim, em tempos em que é preciso fortalecer os princípios democráticos e situar a Psicologia como ciência e profissão fundamental para a garantia de direitos, o Laboratório reafirma o papel da Psicologia em seu compromisso com a transformação social, com o fortalecimento das políticas públicas e com a construção de uma sociedade mais justa e equânime.

Desse modo, a inserção da Psicologia no campo das políticas públicas dispõe de múltiplas possibilidades de contribuições visando a garantia dos direitos das cidadãs e dos cidadãos. Porém, quando há a escassez de políticas públicas voltadas para atender às demandas específicas da mulher lésbica, abre-se a necessidade de refletir: o que esse cenário nos diz sobre a (falta de) garantia dos direitos dessas mulheres?

Assim, o projeto visa pesquisar sobre o silenciamento e apagamento da vivência de mulheres lésbicas e como o não registro de suas narrativas corroboram para esse processo invisibilizador. Conforme Carvalho, Calderaro e Souza (2013) afirmam, o silêncio histórico que provoca a invisibilidade lésbica contribuiu, conseqüentemente, para a ausência de

políticas públicas voltadas para a garantia de direitos dessas mulheres. Como expõe Facchini e Barbosa (2006 apud CARVALHO, CALDERARO, SOUZA, 2013, p. 115-116) no “Dossiê Saúde de Mulheres Lésbicas Promoção da Equidade e da Integralidade”:

A escassa, ou quase inexistente, produção científica abordando a temática saúde e homossexualidade feminina no Brasil; a inexistência de políticas de saúde consistentes para o enfrentamento das dificuldades e necessidades desta população; o precário conhecimento sobre suas demandas e a ausência de tecnologias de cuidado à saúde adequadas, aliados à persistência de pré-noções e preconceitos, convertem-se, no âmbito da saúde pública, por exemplo, no desperdício de recursos, no constrangimento produzido no atrito das relações no interior dos serviços de saúde, na assistência inadequada, e muito provavelmente num contingente de mulheres que não obtiveram seu diagnóstico, nem seu tratamento.

Diante deste cenário, o projeto tem como foco desenvolver, através de uma abordagem interseccional, uma produção de pesquisa implicada sobre o campo de políticas públicas educativas na área de Psicologia. Está sendo investigado, assim, como se estabelece a abordagem acerca das lesbianidades nos processos de formação em Psicologia nas instituições de ensino superior no Estado do Rio de Janeiro e, também, no campo das políticas públicas. E como a falta de discussão acerca da subjetividade lésbica nesses espaços contribui para a invisibilização dessa população, corroborando para a manutenção de um sistema hegemônico heterossexual, patriarcal, machista, racista, elitista e capacitista. Para que, dessa forma, se investigue os impactos sobre a formação ética do psicólogo e os modos de subjetivação de mulheres lésbicas.

A metodologia utilizada é, predominantemente, qualitativa. Desse modo, nessa fase inicial do projeto, estão sendo realizados levantamentos bibliográficos e, posteriormente, serão desenvolvidos questionário e entrevistas semiestruturadas. Nos questionários, também serão levantados dados quantitativos acerca da amostra da pesquisa, tais como localidade, classe social, idade, raça, nível de escolaridade e outros fatores sociodemográficos. As entrevistas serão realizadas com estudantes psi lésbicas, professoras psi lésbicas e lésbicas atuantes na rede de políticas públicas. Os resultados da pesquisa serão analisados através da cartografia de controvérsias e da abordagem interseccional, a fim de promover a desnaturalização de saberes hegemônicos por meio do olhar crítico e a construção coletiva de conhecimentos e saberes. Acerca da abordagem interseccional, propomo-nos estudar como ponto de partida os materiais produzidos por Kimberlé Crenshaw e, acerca do feminismo negro, as escritoras Bell Hooks e Audre Lorde.

Sobre a cartografia de controvérsias, Latour (2000 apud MOREIRA, 2014) aponta como estratégia para aproximação do campo-tema. Essa metodologia indica que é necessária a desconstrução e o questionamento acerca das verdades acabadas, de saberes rígidos e considerados naturais para lidar com a temática social. Portanto, é através das controvérsias que se desenvolve a construção de saberes, os quais estão em constante transformação e são impassíveis de rigidez e naturalização. Como afirma Latour (2000 apud MOREIRA, 2014), a formação do social se desenvolve nas controvérsias.

Sendo assim, este projeto afasta-se de olhares e de modos de intervenção pretensamente isentos e universais - que marcaram a própria constituição da Psicologia científica - e busca aproximar-se de outros modos de construção de conhecimentos que possibilitam alternativas epistemológicas, ontológicas e éticas contra hegemônicas. Neste percurso, temos buscado acompanhar alguns autores da Psicologia Social, em sua matriz crítica, e do campo CTS (Ciência-Tecnologia-Sociedade), dentre os quais, destacamos as contribuições de Silvia Lane, Bader Sawaia, Bruno Latour, Boaventura Sousa Santos, Isabelle Stengers, Annemarie Mol, Donna Haraway.

Na abordagem CTS, o social nunca está dado de antemão, mas se reconfigura o tempo todo nas práticas a partir de novas controvérsias e agenciamentos locais. Assim, a realidade deixa de ser vista como natural ou dada *a priori*, e é entendida como uma justaposição de elementos heterogêneos (LATOURE, 2005, 1994).

Esta perspectiva nos leva a reconhecer que nossos olhares não são neutros e que nossas pesquisas vão além do mero desvelamento da realidade, sendo preciso problematizar que elementos temos reunido para pensar os novos territórios, corporalidades e processos de subjetivação outros que se reconfiguram na/com a contemporaneidade. Assim, o presente projeto se propõe a exercitar a reflexão sobre nossos enquadramentos e transbordamentos (MOREIRA, 2014): que realidades temos colocado em cena e quais outras permanecem invisibilizadas? De que forma nossas práticas contribuíram para perpetuar situações de exclusão e que outras formas podem ser inventadas para contribuir com a transformação pessoal e social e acolher novos modos de subjetivação?

Portanto, este projeto firma o compromisso social que a Psicologia possui para com as mulheres lésbicas. É imprescindível que, para o exercício crítico e ético da profissão, haja disciplinas e discussões durante a formação em Psicologia acerca da subjetividade lésbica,

abordando os desafios, narrativas, histórias, necessidades, demandas e realidades dessa população. Além disso, diante da precariedade de estudos acadêmicos acerca das lesbianidades, essa pesquisa firma um compromisso para com a produção científica em Psicologia, abordando um tema essencial e tão negligenciado dentro desse campo.

Sendo assim, vejo este projeto como meu ponto de partida na produção científica e na promoção de debates e reflexões acerca da existência lésbica. Felizmente, encontrei um modo de me expressar, de narrar, de me impor e de oferecer a oportunidade para que outras mulheres lésbicas narrem suas experiências, reflitam sobre sua existência e se tornem sujeitos de sua própria história. Para que, assim, construamos juntas a historicidade lésbica e a promoção da sua visibilidade e a legitimação de suas vidas. Como afirma Moreira (2021): “Situamos a escrita das nossas histórias como ato político de resistência e de reexistência que potencializa novos modos de subjetivação”. Logo, (re)existo, por isso, escrevo.

Referências

- CARVALHO, Cintia Sousa; CALDERARO, Fernanda; SOUZA, Solange Jobin e. O dispositivo "saúde de mulheres lésbicas": (in)visibilidade e direitos. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 111-127, abr. 2013.
- GONÇALVES, Joyce Amorim; DE CARVALHO, Ana Rosa Rebelo Ferreira. Lesbianidade e psicologia na contemporaneidade: uma revisão sistemática. **Revista Gênero**, v. 20, n. 1, p. 135-156, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LATOUR, Bruno. **Reensamblar lo social**: Una introducción a la teoría del actor-red. Buenos Aires: Ediciones Manatí, 2005.
- LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e em ação. *In*: LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Autêntica Editora, 2019, p. 49-54.
- MOREIRA, Mariana de Castro. Sobreviver nunca foi nosso destino: quando um analisador potencializa outros olhares e práticas na intersecção entre a psicologia e a educação. **Sul-Sul - Revista De Ciências Humanas E Sociais**, 1(Especial), p. 96–117, 2021.
- MOREIRA, Mariana de Castro. **“O que foi feito, amigo, de tudo que a gente sonhou?”**

Uma cartografia da atuação de Organizações da Sociedade Civil no fortalecimento da democracia. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RBA, Redação. Vereadora de Niterói faz BO contra colega do Psol por lesbofobia. Partido reprova atitude. **Rede Brasil Atual**, Niterói, 08 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2021.